

FONTE : FSP

CLASS. : 830

DATA : 12 02 89

PG. : A-2

Severo Gomes

Ação pela cidadania

Conta Zaluar, na sua peregrinação pela província de São Paulo (1950/60), que encontrou uma índia Puri, perto da cidade de Queluz no vale do Paraíba. Era a última de uma tribo numerosa e renomada pela sua mansidão. Já li ou ouvi um sem-número de casos semelhantes desse secular e continuado genocídio. Mais recentemente a fotografia e o cinema continuaram a documentar essa mancha de nossa história que aumenta a cada dia que passa.

Não adianta lembrar o que os americanos fizeram no passado, para afirmar que a civilização do Norte matou mais. O importante para nós é que o Brasil continua deixando matar. Todas as gerações o fizeram, mesmo aquelas que se comoveram com Iracema de José de Alencar ou com os versos do maranhense Gonçalves Dias e seus bravos Timbiras.

Se não me falha a memória, escreveu Monteiro Lobato no primeiro parágrafo do seu Jeca Tatu: "Esborou-se o balsâmico indianismo de Alencar diante da dinastia iconoclasta dos Rondon".

O que se pode dizer hoje, é que o Marechal Rondon foi traído e, esborou-se o humanismo dos militares que escancararam os sertões à furia predatória e assassina.

Foram essas as lembranças que me ocorreram, assistindo, na sede da representação da ONU, em Brasília, a entrega do prêmio Global 500 ao meu amigo David Ianomami.

Estive na sua maloca há poucos anos e dessa estada dei vários testemunhos nesta coluna.

De lá para cá —curto tempo— contra todos os compromissos do governo, a terra Ianomami está sendo devassada, pela doença e pela espingarda.

O ex-presidente da Funai que supostamente deveria cumprir a lei, é hoje governador de Rondônia, pelo mérito que conquistou com os garimpeiros matadores de índios.

Se as coisas continuaram por esse torvo caminho, amanhã se poderá ver nos jornais a fotografia do último Ianomami, como o atestado de óbito desta cambaleante moralidade nacional.

Foi por isso que a recém-nascida "Ação pela Cidadania" —que dá os primeiros passos sob os auspícios da CNBB, OAM, ABI, sindicatos, jornalistas, empresários e políticos— escolheu a questão da sobrevivência da gente e da cultura Ianomami, junto com a investigação do assassinato de Chico Mendes como as duas questões centrais de uma mobilização para pôr à prova a dignidade do país. Ou melhor, o teste da vergonha na cara, de que tanto se fala.